

AMÉRICO ENES MONTEIRO

A RECEPÇÃO DA OBRA
DE FRIEDRICH NIETZSCHE
NA VIDA INTELECTUAL PORTUGUESA

(1892-1939)



Centro Regional do Porto
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



LELLO EDITORES

Fácil é concluir que tanto os homens da *Renascença Portuguesa*, como os que, embora não tendo pertencido directamente ao movimento, com ele mantiveram ligações mais ou menos marcadas, sobretudo pela sua colaboração na revista *A Águia*, formam um núcleo significativo de pensadores e de autores abertos ao diálogo das culturas e civilizações, muito despertos e sensíveis a tudo o que, pela Europa, se ia pensando e dizendo, e empenhados em abrir Portugal à Modernidade. Ora Friedrich Nietzsche era um dos precursores dessa Modernidade. Nada mais natural, pois, que eles se sentissem interpelados pelo seu pensamento, nas suas várias coordenadas, de forma particular na sua iconoclastia da velha cultura europeia e no seu vitalismo optimista. Disso mesmo dão provas as múltiplas citações, referências e comentários à obra e ao pensamento nietzschianos que, ao longo não só das páginas da revista *A Águia*, mas de toda a obra dos seus colaboradores, vamos encontrando disseminados e que, simultaneamente, são reveladores duma recepção mais profunda e mais diversificada do que aquela que ficou assinalada nas páginas do capítulo anterior. Das componentes desse pensamento núcleos há que particularmente chamaram a sua atenção. É importante, contudo, sublinhar que nem todos os tópicos interpelaram de forma idêntica os homens da *Renascença Portuguesa* e os colaboradores assíduos ou esporádicos do seu órgão, a revista *A Águia*. Há todo um leque de sensibilidades que vão de uma empatia complacente até uma rejeição incondicional, passando por uma indecisão reticente. O tema do vitalismo e do seu correlato, o Homem Supremo, interessaram dum modo muito particular a tríade iniciática: Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes. Vimos que todos eles provinham do Anarquismo. Fácil é pois admitir que, ao descobrir, na obra do eremita de Sils-Maria, o radicalismo aristocrático, a apologia do indivíduo, liberto de todas as peias com que a sociedade, a moral tradicional e o Estado, com as suas leis, ditames e organismos, pretendiam coarctá-lo, o vitalismo propugnador de uma vida plena e total, sentissem despertar em si não só interesse e curiosidade por essa obra recém-descoberta, mas também empatia anuente. O interesse e a curiosidade revelam-se relativamente a quase todos os tópicos que constituem o conteúdo do pensamento nietzschiano. A empatia traduz-se predominantemente

na sedução estética de que os três escritores se mostram possuídos, motivados pela elegante forma poética em que quase toda a obra de Nietzsche se acha vertida. O filósofo de Röcken surge aos seus olhos como escritor grande e extraordinário. Quanto aos tópicos que integram a sua obra, a empatia mantém-se em Jaime Cortesão, o qual, por isso mesmo, rejeita a hipótese de pensamento tão original e tão arrojado provir de um espírito desequilibrado, como pretendia Nordau, e não aceita que dessa obra se faça uma leitura militarista e imperialista. Só mais tarde, e à luz da ascensão e da afirmação do nacional-socialismo, ele brindará o Homem Supremo, não tanto o de Nietzsche mas mais o dos deturpadores do seu pensamento, com um poema, "A Infância do Super-Homem", de cunho satírico-burlesco.

Leonardo Coimbra, o qual, porque o mais filósofo dos três, penetrou mais fundo no ideário do autor do *Zarathustra*, deixa-se seduzir pelo vitalismo, manifestando uma total sintonia com o discurso zaratústrico na sua dimensão encomiástica da vida e na proclamação da fidelidade à terra, o "bleibt der Erde treu". Admira Nietzsche enquanto espírito iconoclasta e questionador e impressiona-o a onnipresença fecunda do seu pensamento na cultura europeia. Contudo assume uma postura particularmente crítica em relação ao Homem Supremo, pois considera-o marcado mais por um racionalismo estéril do que por um vitalismo fecundo. A antítese intelectualismo-irracionalismo ou racionalismo-vitalismo motivou, de forma particular, a sua reflexão, concluindo que Nietzsche não conseguiu eximir-se à influência do intelectualismo socrático. Apesar de considerar Nietzsche um anarquista, pois para si ser-se vitalista é ser-se anarquista e vice-versa, também não aceita a interpretação que este faz do anarquismo nem a sua identificação com o Cristianismo. Mais tarde, à medida que se aproximar do Cristianismo, Leonardo Coimbra vai rejeitar a postura que Nietzsche assume face a esta doutrina, pois considera que, ao contrário do que este pretende provar com as suas invectivas anticristã, o Cristianismo está animado de autêntico frémito dionisíaco.

Desta tríade renascentista é Teixeira de Pascoaes, e dado o seu pendor para o misticismo panteísta, quem mais reticente se mostra face a tópicos centrais do pensamento nietzschiano. Rejeita liminarmente o Eterno Retorno e à esterilidade que lhe está inerente opõe o dinamismo da saudade. Quanto à tese do Homem Supremo, com quem identifica "o homem-pássaro", o poeta, ela inspira-lhe as mais sérias reservas e desconfianças, motivadas pela falta de fundamentação e pelas funestas consequências a que pode conduzir.

Mas a temática do Homem Supremo e o vitalismo, como seu corolário, interpelaram também outras figuras ligadas, directa ou indirectamente, ao movimento renascentista. Uns, numa postura eufórica, vêem nela incentivo a uma atitude mais empenhada e mais optimista face à vida. Outros encerram-na num juízo crítico-pejorativo de nítido distanciamento. Neste contexto merecem particular destaque Manuel Laranjeira, Veiga Simões, Vila-Moura, Joaquim Manso e Mendes Correia.

Manuel Laranjeira, o qual inaugura o n.º 1 de *A Águia* com um ensaio significativamente intitulado "Os homens superiores na selecção social", não conebe o Homem Supremo como antítese necessária da maioria, como o pretendeu Nietzsche, mas considera-o susceptível de com ela viabilizar uma síntese, rumo a um equilíbrio harmonioso e fecundo. Efectivamente, para Laranjeira, o progresso não passa pela neutralização da maioria, mas é um movimento dialéctico em que a tese é a maioria, a antítese é a minoria simbolizada no Homem Supremo, no qual ele vê dinamismo e factor de renovação. A tensão entre ambas as realidades, maioria-minoria, é superada numa síntese, o progresso. Embora fazendo do vitalismo uma leitura optimista, o autor de *Amanhã* deixa-se enredar nas teias dum pessimismo redutor e do tédio de viver. A sua sintonia com o vitalismo nietzschiano, que se verifica só no plano intelectual, que não no plano vivencial, acarreta consigo a rejeição do Cristianismo por este glorificar um Cristo advogado da ralé, passivo, patológico. Laranjeira, contudo, não tem relutância, em aceitar um Cristo humanizado, inserido no real.

Tanto para Veiga Simões, como para Vila-Moura, mas sobretudo para este último, o vitalismo professado pelo Homem Supremo é requisito indispensável para a criação estética. Vila-Moura, contudo, parece revelar atitudes contraditórias. Por um lado, vê nele um antídoto contra a esterilidade do positivismo caído em descrédito e um incentivo, não só para propor a criação de um Estado Artista que salvasse o cunho elitista da Arte e garanta o seu estatuto de património de uma minoria, mas também, como já fizera Nietzsche, para rejeitar o socialismo e a igualdade por ele propugnada, como formas menos nobres de vida. Por outro lado, parece que a descoberta do ideal do Homem Supremo de forma alguma foi uma descoberta totalmente libertadora, pois, embora seja à luz dos dinamismos vitalistas que escreve uma obra, *Nova Safo*, cuja personagem central, Maria Peregrina, traduz em vivências as coordenadas do vitalismo do Homem Supremo, em momento algum, e sintonizando com a heroína do seu romance, ele tem da vida uma visão autenticamente positiva, mas vive-a constantemente enredado num labirinto de pessimismo.

Tanto Mendes Correia como Joaquim Manso revelam uma evolução nos seus juízos sobre os principais tópicos que integram a obra do autor de *Para além do Bem e do Mal*. Assim o autor de *Em face de Deus* começa por emitir um incondicional juízo crítico-positivo relativamente ao vitalismo do Homem Supremo. Descobre nessa doutrina o fermento capaz de renovar toda a prática pedagógica, não lhe regateando, por isso, os mais rasgados encómios. Evolui, numa fase ulterior, para a rejeição de alguns corolários por Nietzsche daí derivados, mormente a análise pejorativa do Cristianismo e o estatuto nobilitante atribuído à Moral dos Senhores. Na óptica do cientista português, o vitalismo e a doutrina do Homem Supremo não postulam necessariamente nem tal análise nem tal atribuição. Também Joaquim Manso, o qual se mostra seduzido pela dimensão poética de que a obra de Nietzsche se acha revestida, oscila entre um certo fascínio e uma atitude de nítida recusa do vitalismo nela veiculado, por não descortinar aí uma doutrina de redenção para o homem. Começa por emitir um juízo positivo, por nele ver a possibilidade de, pela acção, se poder interferir no mundo e ditar-lhe um rumo. Por isso rejeitar a "religião da igualdade", esse "evangelho de anões", e

repudia o ódio que as massas nutrem contra aqueles que se erguem acima do rebanho anónimo. Contudo, mais tarde, vai adoptar uma postura reticente face à doutrina do Homem Supremo, apodando-a de doutrina amarga, reconhecendo-lhe, contudo, genialidade. A postura final de Joaquim Manso, sobretudo face à obra do último Nietzsche, é de um afastamento convicto. Esse afastamento foi-lhe ditado pela leitura da crítica que Nietzsche faz ao Cristianismo, sobretudo no *Anticristo*, por aí ter descoberto um "pensamento diabólico".

Sant'Anna Dionísio herdou do seu mestre, Leonardo Coimbra, o interesse pelo pensamento do pregador do Eterno Retorno. O mestre estudou-o em profundidade, o discípulo fê-lo sobretudo em extensão. Esse estudo induziu-o a emitir juízos negativos sobre a maior parte das componentes desse pensamento, o que faz dele um dos mais reticentes leitores e estudiosos de Nietzsche. Considera bizarras, perturbantes e falhas de originalidade as teses nietzschianas. A doutrina do Homem Supremo não passa de um sonho nevoento e utópico, que releva da patologia, e o vitalismo é arrumado na categoria das doutrinas perigosas, porque susceptível de múltiplos aproveitamentos, dada a sua grande indefinição. De positivo, Dionísio só considera, praticamente, o facto de Nietzsche ter como que puxado o sinal de alarme, ao chamar a atenção para a crise moral e intelectual em que se encontra mergulhado o mundo moderno, e a forma poeticamente elegante como o fez. Quanto ao binómio antagónico intelectualismo-irracionalismo, Dionísio está convicto de que é vasta a herança legada pelo irracionalismo pré-socrático ao autor de Zaratustra.

A interpretação da tragédia grega, feita por Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*, despertou o particular interesse de Leonardo Coimbra, Teixeira Rego e Aarão de Lacerda. Os dois primeiros descobriram nela uma realidade de importância vital, a saber, a luta do homem face ao destino. O autor de *Lucernas* encontrou aí não só o elogio da Arte como actividade essencialmente metafísica, mas também a revelação da verdadeira natureza do dionisismo e da embriaguez, suas verdadeiras fontes. Numa palavra, essa obra de Nietzsche revelou-lhe toda a

riqueza do mundo pagão, em geral, e do mundo helénico, em particular, sobretudo do seu teatro.

A transmutação dos valores interessou particularmente a Eugénio Aresta, que acusa Nietzsche de não ter sabido encontrar o equilíbrio entre o plano racional e o biológico, mas ao mesmo tempo reconhece nele um dos corifeus da modernidade. Finalmente é de sublinhar a recusa, por parte de algumas figuras da Renascença Portuguesa, e contra a tendência de então, de identificar o genial com o patológico e conseqüentemente de ver na obra do arauto da Moral dos Senhores o produto dum neuropata. Recusaram essa identificação: Manuel Laranjeira, Jaime Cortesão, Mendes Correia e Veiga Simões.

Estas excursões pela produção escrita, quer dos principais representantes do movimento da *Renascença Portuguesa*, quer de figuras que a ele estiveram ligadas e com ele sintonizaram, revelam que muitos deles se debruçaram empenhadamente sobre as múltímodas vertentes que compõem a obra nietzschiana e que o diálogo crítico, por eles mantido com Friedrich Nietzsche, foi intenso e fecundo, indo duma adesão encomiástica a uma rejeição aberta e incontestável, passando por uma reserva reticente. Esse diálogo insere-se, por um lado, nos ideais anarquistas da exaltação do indivíduo e da liberdade, tendentes a identificar no Homem Supremo de Nietzsche um sócia do *Único* de Max Stirner, por outro lado, na busca do pluralismo e do encontro das culturas e das civilizações. E finalmente na abertura à modernidade, de cujo património a obra de Friedrich Nietzsche se tornara já parte integrante.

Numa história da recepção nietzschiana, o papel charneira que todas estas figuras da nossa cultura desempenharam na divulgação da obra e do pensamento do eremita de Sils-Maria justifica plenamente uma abordagem exaustiva, pois tanto elas como as páginas do órgão da Renascença Portuguesa, *A Águia*, constituem expressões emblemáticas dessa recepção em Portugal, que qualquer trabalho sobre este tema de modo algum poderá ignorar.

Despertos como estavam face ao mundo que os rodeava, os homens do movimento renascentista em particular, mas também muitos outros dos nossos pensadores e homens de letras, sentiram-se interpelados pelo contexto ideológico-político do cenário europeu que se revelou sobretudo nos anos da I Guerra Mundial e que voltaria a repetir-se, com contornos algo semelhantes, nos últimos anos da década de 30 e nos primeiros da década seguinte. Essa interpelação conduzi-los-á a formularem a seguinte pergunta: quem, no campo ideológico se deve responsabilizar por este novo clima? E essa pergunta implicava outra de carácter mais restrito: Nietzsche, com a sua doutrina do *Übermensch*, com a sua opção por uma Moral dos Senhores, pela sua insistência na Vontade do Poder, não será um dos grandes responsáveis? E as respostas surgiram desencontradas. A análise dos cambiantes de que elas se revestiram constituirá a temática do capítulo que se segue.

Américo Enes Monteiro em *A Recepção da Obra de Friedrich Nietzsche na Vida Intelectual Portuguesa*, Porto, Lello Editores - Centro Regional do Porto - Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp. 193-198